

Promovido pelo CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS da Universidade dos Açores, realizou-se nos dias 9, 10 e 11 de Março, no anfiteatro B da Universidade dos Açores, um ciclo de conferências proferidas pelo Prof. Doutor ANTÓNIO TEIXEIRA FERNANDES e subordinadas aos seguintes temas:

- 9 de Março: *Mudança cultural nas sociedades modernas*
- 10 de Março: *Democracia e direitos humanos*
- 11 de Março: *Centralidade e teoria do Estado*

António Teixeira Fernandes, Doutor em Sociologia, é Professor Catedrático da Universidade do Porto; Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras; Director do Curso de Sociologia. Publicou diversos trabalhos na área da sua especialidade, como *A Religião na Sociedade Secularizada*, *O Conhecimento Sociológico*, *O Social em Construção*, *Sociologia e Sócio-Lógica*, *Os Fenómenos Políticos - Sociologia do Poder*.

Estas conferências foram abertas aos docentes, alunos e público em geral.

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA, L(USA)LÂNDIA. A *Décima*

Ilha. Angra do Heroísmo, Edição da Direcção dos Serviços de Emigração, SRAS (Açores), 1987. 23 × 17 cm., 300 págs. Capa de Álamo de Oliveira.

Como o próprio Autor o descreve no prefácio, o presente volume é uma selecção de artigos e breves ensaios publicados em jornais e revistas entre 1975 e 1985 e que têm como tema as comunidades portuguesas da América da Norte — ou a L(USA)lândia, como o Autor lhe chama e já hoje se tornou comum referir-se-lhe.

Onésimo Teotónio Almeida, natural de S. Miguel, Açores, é doutorado em Filosofia pela Brown University, Providence, Rhode Island, (U. S. A.), lecciona no *Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros* daquela Universidade e ensina também uma cadeira interdisciplinar sobre *Mudividências e Axiologia*. Com interesse entre o teórico (filosofia das ciências e axiologia) e o prático (história cultural e intelectual portuguesa e brasileira), divide a sua investigação entre essas duas vertentes. Interessa-se também, por razões biográficas, pela história cultural açoriana e pela problemática das comunidades portuguesas dos Estados Unidos e Canadá. Também escreve ficção.

O Autor tem publicado, para além de escritos filosóficos (tem anunciado um volume *The Labyrinth of Ideology*), estudos sobre temas portugueses (veja-se, por exemplo, o seu *Mensagem — Uma Tentativa de Reinterpretação*, 1987) e temas açorianos em particular (*A Questão da Literatura Açoriana*, 1983; *Literatura Açoriana — Subsídios para um Balanço*, 1986; *A Profile of the Azorean*, 1980). Deu, porém, sempre muita atenção às comunidades portuguesas na América do Norte, desde a colectânea de textos de intervenção *Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia*, 1975. Seguiram-se-lhe dois livros, sobre a mesma temática: *Ah! Monim dum Corisco!* ... (teatro, 1978) e *(Sapa)teia Americana* (contos, 1983). Ainda relacionado com a presença portuguesa nos Estados Unidos, coordenou o volume *José Rodrigues Miguéis — Lisbon in Manhattan* (ensaios, 1985).

1 — Com o seu jeito e perspicácia de topar referências e analogias o Autor transpôs o sentido de *Ilha* para a definição de L(USA)-lândia: «*uma porção de Portugal rodeada de América por todos os lados*» que vem na página seguinte ao título (interior), com destaque, e já insinua a problemática presente.

A L(USA)LÂNDIA escrita neste livro é também «*uma porção de reflexões rodeada de circunstâncias por todos os lados*» e são

elas lugares, pessoas, acidentes, ocorrências, tempos, que motivaram os artigos, comunicações, entrevistas, diálogos que o livro juntou e a que a reflexão deu unidade e centralidade. A circunstância talvez se esvai, mas a reflexão fica a recolher-lhe o sentido, a integrá-lo num princípio, numa visão global, a descobrir-lhe a linha de sucessão. Assim vai surgindo a história, assim se configura o facto social generalizado, nomotético, cultural ou resultante da aprendizagem, das relações do homem com os outros e com a natureza. Assim adquire compreensão a comunidade ou comunidades, os núcleos de emigrantes. Assim se revela a consistência do pensamento do Autor.

2 — Andava eu, na primeira abordagem do livro, a saltar de de página em página, mais folheando do que lendo, quando me pareceu poder classificar o texto como *literatura de intervenção* e vejo, quando melhor apurei a leitura, que ela coincidia com a percepção mesma do Autor que assim o classifica na *Nota Explicativa inicial*. Intervenção que é crítica, presença no debate das ideias e dos factos, observação atenta que não se interessa o Autor seja, também, participante. Não são reflexões assépticas, à distância, abstractas, mas fruto duma experiência vivida, no enquadramento das situações, no comprimento de onda da vida.

Para o fazer, o Prof. Onésimo usa muitas vezes uma linguagem que se avizinha da expressão popular ou às vezes a traduz mesmo à letra, numa verbalização de frase quase sempre breve e vivaz. Mas não a deixa aí só, esvaída na circunstancialidade do desabafo ou da imitação, do protesto ou da reacção intempestiva, aproxima-lhe a racionalidade dum pensamento articulado e reflexivo que as regras da lógica lhe ensinaram, ou fosse na Escolástica do manual em latim, que nos foi comum, «*latius hos quam praemissae conclusio non vult ...*» ou nos textos filosóficos de autores contemporâneos que o curriculum da Universidade lhe proporcionou. A ironia, o jogo de contrastes, o ridículo, a tirada humorística, de que se serve, são uma espécie de *lógica suplementar* que fala aos que não estudaram, ou já se esqueceram do que lá fizeram, ou se tem vindo a enviar por interesses e compadrios, ou porventura não querem mesmo nada e só ao «*baculinum argumentum*» conseguiram reagir.

3 — Esta verbalização e racionalidade não se ficam em jogo de palavras ou em puro exercício intelectual, têm um endereço, um *objectivo* bem patente: *a promoção da comunidade, das comunidades portuguesas, açorianas*. «... As circunstâncias em que estamos não são de todo desprovidas de poder económico... temo-lo a dois

níveis: *monetário* (o dinheiro que os portugueses têm nos bancos) e sob a forma de *trabalho* (a mão-de-obra que faz funcionar as fábricas)... Para essa força dormente começar a fazer-se sentir, falta-nos preencher, entre outras, uma lacuna: a da *profissionalização*, a vários níveis, de elementos portugueses... Temos que ganhar o terreno perdido. Quer queiramos, quer não, neste sistema, a nossa única saída é a da *instrução*» (p. 68). Há um valor ético final a animar, ainda mais, esta prosa, já viva e racionalizada.

4—O Autor penetrou na cultura americana; aí fez os seus estudos universitários apenas iniciados em Portugal; mantém contactos a diversos níveis quer pelo *status* de Professor, quer pelas suas actividades editoriais, e ainda pelo convívio aberto que mantém e cria. Este facto poderia levá-lo a pôr-se do outro lado. Mas não é isso que sucede. Ele quer puxar os seus conacionais e conterrâneos para a *ponte* onde se encontram as duas culturas, se podem vitalizar mutuamente, criar oportunidades de êxito. Direito de manter «as características culturais que trazemos connosco», sim!, «defesa da *diferença* na luta contra a monotonia de padrões de comportamento que as multinacionais gostariam de ver para lhes facilitar a tarefa». Mas não é isso que está em causa. O «fechamento em csaulo é um factor de preservação, mas impede o diálogo, a abertura aos valores do outro lado... perigo de, por sermos pequenos, não constituirmos nunca o tal mundo-em-contacto e tornarmo-nos ghetto pequenino e fechado sobre si mesmo» (p. 64) e «quem perde somos nós» (p. 116).

Prova de quanto se afirma, é este livro, em geral os seus livros, a sua presença, os contactos assíduos com a terra e as gentes, o modo como recebe e acolhe qualquer manifestação cultural portuguesa, açoriana — sirva de exemplo a recepção que mobilizou ao Órfeão EDMUNDO DE OLIVEIRA para o qual preparou um Guia interessante e utilitário.

5— Sempre nos seus livros e neste livro emerge a vontade de relevar todos os valores da portugalidade, da açorianidade, do ser humano, quando crítica, liberta do esquecimento, arranca nomes da solidão, enfrenta as manobras da comunicação manipuladora. Veja-se o tratamento de J. Rodrigues Miguéis, a referência a J. Teixeira de Medeiros, a defesa dos portugueses contra a miopia do *Herald News*, a desmontagem da demagogia religiosa que explora os sentimentos do açoriano e micalense (pp. 107, 109, 161, 181) e tantos outros. *Literatura de intervenção* e de *combate*. E ele sabe que tal comportamento não é caminho ou «escada para a popula-

ridade mas «há que ter coragem quando é necessário» (p. 181). Há que fazer o «chec up» às evidências sociais generalizadamente aceites ou cautelosamente cultivadas e que são muitas vezes erros e preconceitos que se arrastam.

6— Um elemento que não devo deixar de sublinhar, nesta como em outras produções do Prof. Onésimo, é a profusão de informações recolhidas dos mais diversificados meios e canais — livros, jornais, revistas, contactos pessoais, congressos, seminários, viagens, experiência vivida lado a lado — não tem medo dos grandes e não foge dos pequenos. Muitos o sabem assim aberto e informado pelos extractos de jornais que recolhe e envia, pelos postais de Pequim, de Toronto, de Atenas, do México, pelas publicações de seu nome e que promove editorialmente, pelos montões de cadernos onde se recolhem crónicas e diários e a que não falta o espirituoso dos ditos e das anedotas que sabe e gosta de contar.

Ele também tem seus limites. Reconhece-os. Ouve-os.

E termino com uma referência do Autor a Fall River, cidade-símbolo onde bem se vive e palpita a Ilha rodeada de América:

«*Cidade de fábricas. De tecidos. Fall River veste. Fall River cinzenta. Do trabalho a prémio... Fall River revestiu-se de português. Fala-o ainda envergonhado nas esquinas. E gagueja-o nos erros ortográficos dos anúncios. E aos domingos à tarde, pragueja-o em calão perfeito nas tascas onde as tensões encontram um tubo de escape*» (p. 49).

Composto e Impresso
nas Oficinas Gráficas
de Barbosa & Xavier, Lda.
Braga (Portugal)